



A NARRATIVA MÍTICA NA COBERTURA DA MORTE DO EX-GOLEIRO DO CRICIÚMA ALEXANDRE PANDÓSSIO

Heitor Carvalho Neto

Claudia Nandi Formentin

Resumo: O futebol e seus personagens compõem importante campo de formação de narrativas míticas. Contemporaneamente tais narrativas ganham força em sua construção por meio dos veículos de comunicação. Apresentado o contexto geral deste trabalho destaca-se que este estudo procurou entender como a imprensa local pôde construir uma narrativa mítica perante a cobertura da morte do ex-goleiro do Criciúma, Alexandre Pandóssio, que participou da equipe local na conquista da Copa do Brasil em 1991. Assim, questiona-se: é possível que a imprensa local contribua para a construção da narrativa mítica de um jogador depois na cobertura de sua morte? Para chegar à conclusão desse estudo foi necessário analisar a cobertura da morte do referido goleiro veiculado durante seis horas na Rádio Som Maior FM 100.7 sob o aspecto da narrativa mítica, mapeando ferramentas usadas para enriquecer a transmissão, observar o espaço concedido e perceber características da narrativa mítica presente na cobertura realizando assim um estudo de caso. A escolha pelo tema, veio em função da diferença desta para as demais coberturas, já que ela foi além de apenas informar o fato e, é claro por levar em consideração elementos culturais importantes para Criciúma e região, o rádio, o jornalismo esportivo e o Criciúma Esporte Clube. Porém, dentro desses três elementos, temos o mito, que traz consigo todo um valor sentimental para a abordagem. Como referencial teórico utilizado para a análise do referido objeto de estudo estão: Barthes (2003) e Campbell (1988). Para abordar o futebol, e seu contexto propício para o surgimento de mitos, foram utilizados autores como: Galeano (2012), Wisnik (2008) e Helal (2001). Ao fim deste estudo, ficou concluído que a cobertura local contribuiu para a construção de uma narrativa mítica do ex-goleiro do Criciúma, Alexandre Pandóssio. Isso foi possível, segundo a análise feita, em função da forma como foi conduzida sua cobertura, apresentando elementos da vida pessoal do ex-goleiro, por exemplo. Esse fato, junto com memórias de colegas de trabalho, permitiu uma aproximação do ex-jogador da população e dos torcedores do time do Criciúma. Ao mesmo tempo em que o mito beira o intangível ele também indica um caminho de humanidade o que traz a questão à aproximação.

Palavras-chave: Narrativa mítica, Cobertura, Criciúma, Alexandre Pandóssio.

1 INTRODUÇÃO

Não foi apenas mais uma cobertura cotidiana do radiojornalismo sobre um crime, homicídio ou acidente. Foi a cobertura de uma fatalidade que aconteceu com quem não se esperava. Aos 53 anos, o ex-goleiro do Criciúma, Alexandre Pandóssio



abandonou os gramados da vida no dia 17 de fevereiro de 2015.

O que fez da morte de Alexandre um grande marco foi sua representatividade, dentro e fora de campo. Pandóssio era quem defendia o gol tricolor, quando o Criciúma conquistou a Copa do Brasil de 1991 e também quem defendeu as cores do Tigre na campanha da Copa Libertadores de 1992, ano em que o Criciúma terminou como quinto colocado. Além dessas façanhas, ainda ajudou a equipe a levantar cinco canecos estaduais: em 1989, 1990, 1991, 1993 e 1998.

Os feitos dos quais Alexandre participou foram apresentados em vários veículos de comunicação. Essas histórias contadas e recontadas formam um terreno fértil para a construção de narrativas míticas. Exemplos de mitificação no cenário esportivo são inúmeros, tanto que quando lemos sobre heróis e mitos, alguns nomes já vêm em mente, como Ayrton Senna e Pelé.

Nesse sentido questiona-se: durante a cobertura da morte de Alexandre Pandóssio é possível verificar a construção de uma narrativa mítica? Baseando-se nisso é que este trabalho tem como objetivo geral, analisar a cobertura da morte do ex-goleiro, sob o aspecto da narrativa mítica. Para isso, estabeleceu-se como objetivos específicos: mapear as ferramentas utilizadas, observar o espaço concedido e ainda analisar as características da narrativa mítica presentes na cobertura.

Assim, o estudo de caso conta com o conteúdo de vinte entrevistas veiculado na Rádio Som Maior FM 100.7 durante as seis horas da cobertura estudada e um referencial teórico fundamentado nos autores Winsnik (2008), Campbell (1988), Barthes (2003) e Helal (2001), além de outros, para ter como base de pesquisa.

2 MITO E JORNALISMO ESPORTIVO

Quem abre os jornais, liga o rádio, muda de canal ou acessa à internet não imagina que o esporte hoje tão divulgado, antigamente era sequer lembrado. Conforme aponta Coelho (2013, p. 9), "durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade", afinal, era preciso conquistar um espaço, tornar o consumo do esporte uma mania, um costume. Nesse sentido *tourear* aparece como um termo para designar a batalha travada diariamente nas



redações para a conquista de um espaço.

Coelho (2013) relembra o descrédito ao futebol, nos primeiros anos já que, conforme o autor (2013, p.7) “pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes”. O país começou a consumir essa editoria anos depois outros países, a exemplo da Itália que “lançava seu primeiro exemplar de revista dedicada exclusivamente aos esportes em 1927” (COELHO, 2013, p. 10), quatro anos antes de o Brasil contar com seu primeiro diário esportivo, que surgiu no Rio de Janeiro em 1931. Este foi, conforme Coelho (2013), o primeiro diário dedicado aos esportes no país, sob o nome de Jornal dos Sports. Durante a primeira Copa do Mundo, que ocorreu em 1930, no Uruguai, estava o Brasil órfão de um diário de esportes que fizesse essa cobertura.

Portanto, demorou para o povo brasileiro consumir o jornalismo esportivo e esperar pelas emoções do futebol. Mas a partir do momento que caiu no gosto popular o futebol não saiu mais das páginas dos jornais. Galeano (2012, p. 135) afirma que

Há alguns povoados e vilarejos do Brasil que não tem igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol. O domingo é o dia em que os cardiologistas de todo o país trabalham mais. Num domingo normal, qualquer um pode morrer de emoção enquanto celebra a missa da bola. Num domingo sem futebol, qualquer um morre de aborrecimento.

Foi a partir da segunda metade dos anos 1960, de acordo com Coelho (2013, p. 10), que os cadernos esportivos se tornaram mais presentes e maiores que, “o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva em longa extensão”.

Nesse cenário é evidente que a cobertura da morte do ex-goleiro do Criciúma, Alexandre Pandóssio, está longe de ser comparada a outras grandes coberturas já realizadas Brasil afora. Porém, tal cobertura traz consigo, aquele jornalismo esportivo com relatos apaixonados, que teve seu início há muito tempo pelos irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues. Além disso, ganha importância quando se lembra que o ex-atleta era um dos principais personagens do time que sai do interior para ganhar o Brasil e competir em um campeonato internacional: a Libertadores da América.

No caso do time do Criciúma cabe ressaltar que o rádio tem papel importante para a disseminação de seus resultados e ídolos tendo em vista que o referido veículo ganha destaque na cidade onde o time está inserido. Nesse sentido,



Ferraretto (2001) afirma que o esporte no rádio surge na década de 1920, época em que há apenas indícios sobre relatos das atividades esportivas (mas ainda sem cobertura ao vivo) foi apenas depois de 1930 que o futebol começou a ser considerado esporte de massas. Mas segundo o próprio Ferraretto (2001), para ser mais preciso, usa-se o ano de 1931, como o ano em que começaram as transmissões. Esse interesse pelo futebol por parte do radiojornalismo se deve, em parte a realização da primeira Copa do Mundo, no Uruguai em 1930.

Falando em Copa do Mundo, havia o temor com a reação pós-Copa do Mundo de 1950 com a derrota da Seleção Brasileira jogando no Maracanã, no episódio que ficou conhecido como Maracanaço. Porém, o resultado em campo não abalou as transmissões esportivas (FERRARETTO, 2001).

Quando surgiu no rádio, o jornalismo esportivo foi, aos poucos, conquistando seu espaço, hoje ainda é uma das editorias que mais ocupa a grade de programação dos veículos. Prova disso é uma constatação feita por Ferraretto (2001) quanto à representatividade do jornalismo esportivo nas grandes emissoras, “o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários” (FERRARETTO, 2001, p. 315).

Foi conquistando adeptos, que o jornalismo esportivo tornou-se capaz de criar uma maneira de se comunicar com o público. “Foi uma pequena revolução na linguagem, com a devida licença histórica, e marcou a passagem do jornalismo esportivo “mecanizado” para o humanizado” (CARVALHO, 2005, p. 63), aquele que comove tanto, que mexe com a paixão, envolvendo o imaginário mítico. Com o passar do tempo, novos métodos vão surgindo, atualmente vemos a interação como uma grande ferramenta a ser lapidada.

Observando o jornalismo esportivo então praticado por antigos cronistas e a forma como é tratado atualmente, é notável uma grande diferença na forma como são abordados os mesmos temas. Aqui a veracidade “rouba” o lugar da dramaticidade, “a noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo” (COELHO, 2013, p. 22).

A junção de emoção e veracidade foi o que levou o jornalismo esportivo a seu ápice. Mas hoje a escolha por apenas uma dessas características, vem deixando a desejar, afirma Coelho (2013, p. 23), que coloca que “a conquista do



título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e de televisão” (COELHO, 2013).

A esperança de que a emoção volte a se fazer presente no jornalismo esportivo endossa o discurso de Coelho (2013), para que ídolos não sejam esquecidos em função do jornalismo que foca apenas em informar. Barbeiro e Rangel (2006, p. 45) afirmam que é inimaginável pensar no esporte sem a emoção, os autores afirmam que, “a emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota [...]. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos”. A prova disso é o torcedor, aquele que está sempre ao lado do time. Ele é um ser apaixonado, sobre essa questão Galeano (2012, p. 7) comenta ser “raro o torcedor que diz: 'Meu time joga hoje'. Sempre diz: 'Nós jogamos hoje’”.

Essa paixão do torcedor torna-se um terreno fértil para a formação de mitos. Para tratar sobre esse tema cabe destacar que Barthes (2003, p. 199) define “que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis porque não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma”. O autor ainda afirma que “o mito é uma fala excessivamente justificada” (BARTHES, 2003, p. 201). Isso se dá para cumprir um dos princípios míticos que, conforme Barthes (2003), é a transformação da natureza em história. A fala aparentemente inocente do mito afirma o autor, não se dá porque “suas intenções estejam escondidas (se o estivessem, não poderiam ser eficazes), mas porque elas são naturalizadas” (BARTHES, 2003, p. 223). Nesse caminho apresentado por Barthes (2003, p. 235), o mito faz certa economia na medida em que retira:

a complexidade dos atos humanos, confere-lhe a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, e cria uma afortunada clareza: as coisas, sozinhas, parecem significar por elas próprias.

No passado, o mito constituiu-se em uma forma de conhecimento para responder perguntas que a humanidade ainda estava impossibilitada de responder, em parte porque o conhecimento científico não havia se desenvolvido.



Por evoluir temporalmente é que os mitos precisam responder todas as perguntas para continuarem valendo. Eles não precisam ser explicados, mas precisam ter no mínimo, fundamento. Conforme, Miranda (1978, p.14), "temos, antes de mais nada, de verificar se trabalhamos com signos cujo significado extraiu-se do real".

O esporte é uma das manifestações humanas em que a mitologia vem encontrando terreno fértil para se expressar. Mas não é todo o esporte que envolve a torcida na criação de um mito, assim, novamente o foco fica no futebol, dentro dos limites do campo. Nesse cenário, o futebol no Brasil é um ambiente em que a manifestação mítica pode ser observada mais facilmente.

Um dos motivos para ainda se ver isso no futebol, apresenta-se em uma narrativa de Helal (2001, p. 5). Segundo o autor, o fato é que:

Observamos que na "derrocada" do ídolo, os fãs "descobrem" que o mito é um "mortal", um "homem como outro qualquer", que tem suas fraquezas, passa mal, dorme abraçado ao pai nos momentos difíceis, sofre de solidão, sente-se aprisionado e ainda, de forma emblemática, trata-se apenas de "um menino". Assim, na "queda" do ídolo, presenciamos a sua "humanização".

É por obedecer essa relação de identificação que o futebol é o berço de muitos mitos. Não se precisa ir muito longe para compreender essa relação, basta entender quanto representa o futebol para certas nações.

Mas se engana quem pensa que a humanização desvaloriza o mito. Helal (2001, p. 14) esclarece que "o processo de humanização do mito torna-se elemento fundamental para mitificá-lo ainda mais". Isso, é claro, baseado na atual visão da mitologia, diferente de como o mito era tratado anos atrás. Pois, segundo Campbell (1988, p. 376), a atual forma que se vê um mito é diferente: "o herói moderno, o indivíduo moderno que tem a coragem de atender ao chamado", ou seja, a coragem de se arriscar, de ir além do limite o faz um herói, um mito.

O mito se faz necessário não por ser uma crença, um rito, mas por dar exemplo, por mostrar a possibilidade. Segundo Miranda (1978, p. 31), "os mitos, obviamente, não têm poderes para alterar a realidade, apenas podem... mistificá-la".

Mistificação essa que inspira, e alimenta as esperanças daquele menino que quer ser jogador de futebol, daquele torcedor que chora com um gol, daquele pai que leva o filho ao campo. Assim, Campbell (1988, p. 15) lembra que "esses



mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente”.

O poder do mito, que tanto é discutido, ganha força com Barthes (2003), ao afirmar que um discurso mítico é fruto de uma realidade transformada pela História. Esse princípio baseado na realidade faz o mito, ao passar pela História e se transformar em discurso. Discursos como esses movem e comovem. Assim, para Barthes (2003, p. 200) “o mito é uma fala escolhida pela História”. O autor completa, afirmando que tal fala é considerada uma mensagem, podendo não ser necessariamente oral, podendo assim “ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica” (BARTHES, 2003, p. 200).

Assim, Campbell (1988, p. 373) aponta que “a moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez a luz à Atlântida perdida da alma coordenada”, luz essa que faz referência ao exemplo que o mito traz, que essa luz seja o incentivo que falta. O mito, afirma Contrera (1996, p. 18), é uma “das matrizes geradoras básicas dos textos da cultura”. Isso porque o autor considera o mito como a base em que textos e tramas culturais são tecidos. Contrera (1996, p. 42) ainda coloca que o mito como texto imaginativo-criativo é um texto essencialmente simbólico e como tal é “codificado por um processo arbitrado que inclui graus diversos de motivação”. Há também de se pontuar o fato de que o texto mítico possui um tempo próprio, que não o histórico, mas o sagrado. A imersão num tempo outro, afirma Contrera (1996, p. 44), “criado e criador, que a Mídia sutilmente acaba por propor no momento em que estabelece uma pontuação própria – sincronizadora – ao impingir um ritmo à vida representada”.

3 ANÁLISE DA COBERTURA DA MORTE DE ALEXANDRE PANDÓSSIO

Marco Búrigo¹ abre a cobertura que tratou da morte de Alexandre Pandóssio, informando que o ex-goleiro e comentarista da rádio, Alexandre Pandóssio faleceu. Segundo Búrigo ele “foi o maior goleiro de todos os tempos da

¹ Marco Búrigo é apresentador esportivo da rádio Som Maior, emissora que produziu o material aqui estudado.



história do Criciúma Esporte Clube”. Pandóssio foi, nas palavras de Búrigo, “o maior, número 1 da história do Clube, desde 78, muitos goleiros passaram por ali, pela trave do Majestoso, e desde 89 quando pela primeira vez, ou em 88 quando pela primeira vez pisou no gramado do Majestoso, ele marcou época, pela sua simplicidade, pelo seu carisma e pela sua competência”. Nesse sentido cabe lembrar a fala de Miranda (1978, p. 14), “temos, antes de mais nada, de verificar se trabalhamos com signos cujo significado extraiu-se do real”.

As palavras de Búrigo trazem elementos simbólicos do futebol, especialmente quando trata o Estádio Heriberto Hulse como Majestoso, forma carinhosa que a torcida apelidou o estádio do Criciúma Esporte Clube, em sinal de respeito ao Estádio. Sobre isso, Galeano (2012), lembra que existem regiões no Brasil que podem não ter uma igreja nos arredores, mas sem um campo futebol impossível, além da simbologia apresentada no futebol, as características pessoais de Alexandre também são levadas à tona, para ressaltar o ex-goleiro e, assim, mitificá-lo.

O apresentador vai além das quatro linhas, para falar de Alexandre Pandóssio, quando diz “nós perdemos aqui um companheiro, nós perdemos aqui um amigo” e isso se repete ao longo da transmissão. “Foram 52 anos de pura retidão, e aqui claro não é demagogia alguma, o torcedor sabe do que estou falando, o ouvinte sabe daquilo que estou falando”, nessas palavras encontramos o poder do mito, que tanto é discutido, e ganha força com Barthes (2003), ao afirmar que, para o autor, um discurso mítico é fruto de uma realidade transformada pela história. Esse princípio baseado na realidade, faz o mito, ao passar pela história se transformar em discurso e, discursos como esses movem e comovem. A fala do apresentador aproxima o ex-jogador do ouvinte/torcedor especialmente quando se dirige a este, afirmando que sua fala é algo que quem o ouve conhece. Tornando, assim, o jogador alguém próximo do ouvinte/torcedor.

Além disso, a repetição reforça o signo como elemento retirado da realidade e abre lacunas por onde escorrega as “falhas” do mito. Não há lembrança dos gols sofridos, por mais que eles tenham acontecido, há de se reforçar também que, quando se envolve o ouvinte na história narrada não há necessidade de se repetir o motivo de tais adjetivos empregados pelo apresentador. Por outro lado, a



repetição não só reforça o signo, mas também, reflete o que Barthes (2003) defende, lembrando que o mito, é uma história por vezes justificada.

Lembrando das atuações do ex-goleiro pelo Criciúma, Búrigo diz que “Alexandre Pandóssio era o número 1, era o que abria a escalação, quem não lembra daquela escalação que começava com o Alexandre”, afinal; o goleiro é alguém diferente, conforme Wisnik (2008, p. 137):

O goleiro é sabidamente um ser de exceção, e, nos momentos cruciais, um solitário. Como os indivíduos sagrados e malditos, ele pode o que os outros não podem (tocar a bola com as mãos) e não pode o que os outros podem (atravessar todo o campo e consumir o desejo maior do jogo, o gol).

Lembrar desses detalhes resgata a emoção no futebol, emoção que Coelho (2013) procura reencontrar, afinal é preciso que ela volte para que não se deixem mais mitos perdidos na história, como aconteceu com Dunga, Ronaldo e Romário, entre outros.

Mostrando a representatividade de Alexandre Pandóssio para o Criciúma, o repórter Mateus Mastella² relata que “no Estádio Heriberto Hulse, só para o pessoal ter uma ideia, Marco e amigos, a bandeira do Criciúma já está a meio mastro”. Geralmente, em uma perda significativa, a bandeira que representa a instituição não vai ao topo. A atitude tomada pelo Criciúma Esporte Clube ganha força junto às demais homenagens realizadas e reforça a importância do jogador para o clube e para o torcedor.

Nesse trecho, além da informação, a forma como a notícia foi tratada chama a atenção. Percebemos uma forma de consolo, uma forma suave usada para o relato, isso é notável no uso da palavra “amigos”, dita pelo repórter para se dirigir aos ouvintes, além do consolo, a grandeza das homenagens para Alexandre também é ressaltada, com a fala: “só para o pessoal ter uma ideia”.

Para Helal (2001, p. 3) “tranquilidade, humildade e altruísmo são características que vão compondo o perfil da conduta exemplar que exigimos do candidato a herói”. Mas Jotha Del Fabro³, um dos entrevistados, define Alexandre como alguém que ia além dessas características, “O Alexandre nosso parceiro, nosso colega, perdemos um irmão, um paizão, (...) o Alexandre das histórias, o

² Mateus Mastella é setorista do Criciúma Esporte Clube pela Rádio Som Maior.

³ Jotha Del Fabro é narrador e repórter da rádio Som Maior. No entanto, no material analisado ele encontra-se na situação de entrevistado.



Alexandre campeão, o Alexandre vô, o Alexandre pai, de ótimo caráter, uma pessoa sensacional”. As características dirigidas ao ex-jogador, aponta Helal (2001) formam uma narrativa de humanização, o que contribui para a sua mitificação.

As descrições dadas por Del Fabro lembram de que Alexandre era um parceiro, um companheiro além de colega de profissão; assim, a perda de um irmão, mas também de um paizão que cuidava de quem estava por perto. O ex-goleiro tinha suas histórias e suas glórias, mas também seus compromissos familiares, Alexandre era vô e também pai de família, já dizia Helal (2001, p. 135) “os êxitos e conquistas de ídolos e celebridades despertam a nossa curiosidade. Suas trajetórias de vida rumo à fama e ao estrelato costumam ser narradas na mídia de forma mítica, conferindo uma maior dramaticidade às conquistas”.

A chegada de Alexandre ao rádio, era algo novo, afinal, seria seu primeiro trabalho na área da comunicação, Pandóssio aceitou o desafio, como lembra Campbell (1988), nesse mundo moderno, a coragem em assumir responsabilidades, valorizam o homem, o tornando um exemplo e, ali, o ex-goleiro fazia mais uma conquista, “nós batizamos, você batizou, toda nossa equipe, como a Opinião Campeã”, comenta Del Fabro lembrando sobre como Alexandre era apresentado em sua participação na emissora.

Por mais que tenha todas as qualidades, Miranda (1978) lembra que os mitos não podem mudar a realidade. Realidade essa que vai ser difícil para Del Fabro depois da perda de Alexandre, “complicado vai ser amanhã, depois, entrar no Estádio Heriberto Hulse e aquela cadeira vazia”, relata o companheiro de jornada esportiva, que lembra de Alexandre sempre chegando cedo na cabine de transmissão.

Para alguns pode parecer exagero, toda essa produção para Alexandre. Porém, a questão é que, talvez, não estejamos mais acostumados com essa importância que foi dada ao fato. Coelho (2013) lembra que histórias comoventes sempre fizeram parte do jornalismo esportivo e precisam a cada dia mais, serem retomadas.

Independente da forma de cobertura, Alexandre teria sido lembrado incisivamente, assim como o foi, isso por ser Alexandre, “o que ele foi para o Criciúma em termos de dedicação, de raça, é realmente uma coisa muito grande, nesse momento temos que pedir a Deus que o aceite no seu manto”, essas palavras



de carinho não foram ditas por um torcedor, ou um familiar de Alexandre, mas por um dirigente do futebol catarinense que conheceu o ex-goleiro em função de suas conquistas, Delfim de Pádua Peixoto Filho⁴, Presidente da Federação Catarinense de Futebol, e fazem relação com Wisnik (2008), quando lembra que o goleiro é um ser de exceção, solitário, que de um instante para o outro, passa de sagrado a cruel, não podendo fazer o que os outros jogadores podem (gol), mas que deve evitá-los, como os outros não o podem (usando as mãos).

Diante disso, coube à rádio fazer a cobertura da morte de Alexandre. Afinal, ele já era lembrado com carinho pela torcida, “ele atende o torcedor, ele a gente viajava, e mesmo quando no veterano, após Copa do Brasil, era aquele que mais ficava, conversava, interagia”, conta o ex-companheiro de time de Alexandre, Evandro Guimarães. Assim, é possível entender o que Carvalho (2005) queria dizer quando ligava o atleta de sucesso a uma lição de vida.

As próprias referências que são feitas a Alexandre colocam o ex-goleiro em outro patamar, “que ele seja lembrado como uma grande figura que passou pela nossa terra”, essas palavras de Guimarães, lembram a linha de raciocínio de Beting (2015), pois é quase uma arte tentar contar quem é Alexandre e o poder de suas humildes defesas.

Para comprovar tais palavras é preciso ter provas e, Alexandre também as têm. Por exemplo, como o fato de passar por cima da rivalidade, “ele jogou no Comercial e no Botafogo, numa época em que ainda isso era uma coisa rara, o jogador atuar nas duas equipes de tão grande rivalidade na cidade de Ribeirão Preto”, lembra Luiz Carlos Briza, ex-narrador na cidade natal de Alexandre. Além de acompanhar o começo da carreira, Briza trata o ex-goleiro como o filho querido da cidade de Ribeirão Preto.

Sempre foi um menino simples (mesmo) depois de formado profissionalmente continuou sendo um homem simples, profissional de muita competência, de uma postura realmente fantástica, nesse aspecto não se deixou levar pelo sucesso, aliás essa postura que eu acho que fazia todo o sucesso dele em sua carreira.

⁴ O dirigente faleceu no dia 28 de novembro de 2016 em um acidente aéreo quando acompanhava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol que se destinava a Medellín (Colômbia) onde seria disputado jogo válido pelas finais da Copa Sul Americana 2016.



O discurso carinhoso do ex-narrador sobre o ex-goleiro, o mitifica ainda mais, levando em conta toda sua humildade, lembrando que a humildade como ressalta Helal (2001), é uma das características que compõem o perfil que exigimos do possível herói.

Lembrando essa questão mítica, temos Coelho (2013), afinal percebemos que a cobertura fez de Alexandre, mais do que o número 1 da história do Criciúma Esporte Clube, a cobertura fez do ex-goleiro um mito, baseando-se na realidade apresentada. Completando a ideia de Coelho, Helal (2001, p. 136-137) fortalece a tese, lembrando que “o universo do futebol é um terreno extremamente fértil para a produção de mitos”.

O nome de Alexandre já estava marcado no Criciúma, mas da mesma forma como de tantos outros jogadores que por lá passaram e participaram das conquistas, porém com Alexandre foi diferente. Barthes (2003) diz que a história escolhe o mito, nesse caso, o ex-goleiro foi o escolhido, aí está a diferença tratada por Elias Pavani, repórter da Rádio Som Maior, “ele vai ser eternizado um dos ídolos do Criciúma, nos quadros do Criciúma, nas bandeiras do Criciúma, numa estrela, quem sabe”.

Os relatos para Alexandre foram inúmeros, mas talvez esses tenham sido os mais marcantes, fundamentais para fazer um breve resumo do que foi essa cobertura. No entanto, coube a Marco Búrigo, usar as melhores palavras para falar de Alexandre, “terça-feira marcada pela perda do maior nome do gol do Criciúma e também do futebol catarinense, um dos maiores de todos os tempos aqui no sul do país, o Alexandre. Correto como pessoa, retidão em pessoa, humilde também como ninguém, o nosso Alexandre Pandóssio.”

Com a mesma voz presa que surgia diante daquele silêncio da abertura como sinal de respeito, Marco Búrigo, encerrou a cobertura da mesma forma. Porém, em uma de suas últimas frases, Búrigo relacionou Alexandre ao Tigre,

das cores do Criciúma, o amarelo desbotou, o branco sumiu e o preto de luto se destaca. O esporte catarinense se despediu de um grande ídolo, o ídolo Alexandre Pandóssio, 53 anos vividos, com muita humildade, muita simplicidade. Conquistou a Copa do Brasil de 1991 e também os estaduais de 89, 90, 91, 93 e 98.

Dessa maneira, Pandóssio cumpriu com a primeira condição imposta por Campbell (1988), onde cabe ao herói a reconciliação com o túmulo. Alexandre leva



consigo a imagem de um goleiro que representa uma época de glórias, diferente de Barbosa, que por anos carregou a imagem oposta, em função do gol sofrido no episódio conhecido como “Maracanaço”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O time do Criciúma possui forte identificação com a cidade de Criciúma. Suas conquistas são celebradas em todo o território. Nesse contexto parece inimaginável um time do interior de Santa Catarina conquistando o Brasil de forma invicta, diante de tantos times que possuíam destaque nacional, e ainda, no ano seguinte, representar o país em uma competição continental.

Alexandre Pandóssio fez parte dessa história: foi ele quem defendeu os ataques gremistas na final da Copa do Brasil de 1991 e, também, quem, por pouco, não parou o São Paulo, que viria a ser Campeão Mundial em 1992, após a conquista da Libertadores. Essa história foi apresentada pelas ondas da Rádio Som Maior FM que cobriu a despedida de Alexandre dos gramados da vida.

Depois de analisar a cobertura da morte do ex-goleiro Alexandre Pandóssio, é possível identificar os pontos que nortearam esta pesquisa. Nesse sentido, ao retomar o objetivo deste trabalho, analisar a cobertura da morte do ex-goleiro, sob o aspecto da narrativa mítica, verifica-se que o material colhido possui características míticas. Essa constatação é feita a partir do mapeamento de ferramentas que foram utilizadas para a referida cobertura. Pode-se destacar, nesse sentido, a entrevista com familiares e amigos e companheiros de trabalho, a retomada de fatos do passado e do cotidiano vivido nos últimos momentos. Esses elementos apareceram em 20 entrevistas, cinco sonoras, dados e números apresentados ao longo de mais de seis horas.

Quanto a narrativa mítica presente na referida cobertura, pode-se dizer que se percebeu a naturalidade como a cobertura foi feita destacando que nem sempre há a consciência, por parte do emissor, de que esteja contribuindo para a formação de uma narrativa mítica. Com o destaque alcançado pelo ex-goleiro em sua carreira havia a pressuposição de que haveria, em sua despedida, uma comovente retrospectiva do período em que ele jogou no time do Criciúma bem, como ressaltaria o seu caráter pessoal. Assim o mito se constitui, como dito no



referencial teórico, parte natural da sociedade. Pode-se dizer que é, também, elemento fundamental para a formação do imaginário coletivo contribuindo para a construção da identidade de um povo.

Portanto, quanto à questão norteadora deste artigo: durante a cobertura da morte de Alexandre Pandóssio é possível verificar a construção de uma narrativa mítica? Pode-se responder que sim, a cobertura da morte do ex-jogador forma uma narrativa mítica de sua figura.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BETING, Mauro. Pago para ver. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. p.13 – 41.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 1988.

CARVALHO, José Eduardo de. O discurso esportivo. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. p.59 – 75.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 1996.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao som e à sombra**. Porto Alegre: L&pm, 2012.

HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MIRANDA, Orlando. **Tio Patinhas e os mitos da comunicação**. 2. ed, São Paulo: Summus Editorial, 1978.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.